**Francisco de Paula Santander - dados biográficos**

- **Nascimento:** 2 de abril de 1792, Villa del Rosario de Cúcutua.

- **Morte:** 6 de maio de 1840, Bogotá.

- **Estado civil:** Durante o período tratado no relato era solteiro. Casou-se em 14 de fevereiro de 1836, com Sixta Tulia Pontón y Piedrahita, com quem teve um filho, Juan Santander y Pontón, que faleceu logo depois do nascimento; e duas filhas, Clementina Santander y Pontón e Sixta Tulia Santander y Pontón.

- **Estrato social:** Elite *criolla*. Filho de Juan Agustín Santander e Manuela Antonia Omaña Rivadeneira Rodríguez, ambos pertencentes a famílias de altos funcionários da colônia.

- **Formação:** Sua formação inicial ocorreu em casa e numa pequena escola privada, de uma Sra. Chamada Bárbara Josefa, na sua cidade natal. Aos 13 anos, foi para Santafé de Bogotá, aos cuidados de seu tio, o presbítero Nicolás Omaña y Rodríguez, cura da catedral. Lá estudou no Colégio San Bartolomé. No momento da independência de Nova Granada, em 1810, estava prestes a se formar nos estudos de leis e participou das movimentações políticas.

- **Atuação política:** Em novembro de 1810, tornou-se subtenente do batalhão de infantaria da guarda nacional. No final de 1812, durante a guerra civil entre centralistas e federalistas, colocou-se ao lado dos segundos. No início de 1813, foi ferido em batalha, aprisionado e, depois, solto. Tornou-se sargento maior, sob comando de Manuel del Castillo y Rada, e, durante esse ano, uniu-se e afastou-se de Bolívar, mantendo-se ao lado de Castillo. Seguiu lutando contra as forças realistas espanholas e, em 1817, juntou-se a Bolívar na cidade de Barcelona (Venezuela). Em 1818, já era subchefe do estado Maior do Exército, atuando em Calabozo. No mesmo ano, recebeu a Estrela dos Libertadores da Venezuela. No dia 20 de setembro de 1819, Bolívar designou Santander Vice-Presidente de Nova Granada. Em 17 de dezembro do mesmo ano, o Congresso sancionou uma lei que unificou a Venezuela e Nova Granada, sob o nome de República da Colômbia, e foram eleitos Simón Bolívar, como presidente, e Francisco de Paula Santander, como vice-presidente. Santander demonstrou preocupação com a fundação de escolas, universidades, museus e com a modernização dos estudos universitários; promoveu reformas políticas, econômicas e sociais. Neste período, devido ao seu apego aos preceitos legais, ficou conhecido como “homem de leis”. Em 1826, teve estremecimentos com José Antonio Paez, general neste momento apoiado por Bolívar. Neste contexto, as relações com o “libertador” já vinham se estremecendo, por criticar o projeto bolivariano. Em 1827, rompeu definitivamente com Bolívar e este extinguiu o cargo de vice-presidente. Em 1828, após um atentado contra a vida de Bolívar, Santander foi considerado culpado. Não existindo provas concretas de seu envolvimento, sua pena de morte foi comutada em uma pena de desterro, que manteve Santander afastado da Colômbia entre 1829 e 1832 (período em que produziu o diário de viagem). Em 1831, teve seus títulos e patentes militares reestabelecido por Domingo Caycedo, então presidente da Grã-Colômbia. Em março de 1832, enquanto ainda estava nos Estados Unidos, o Congresso de Nova Granada elegeu Santander Presidente Interino, tendo ele recebido o cargo no dia 7 de outubro. No ano seguinte foi eleito presidente constitucional, cargo no qual permaneceu até 1837. Ainda em 1833 enfrentou uma conspiração contra o seu governo que resultou na condenação por pena de morte a 46 pessoas, destas, 19 tiveram a pena comutada pelo conselho do governo. Em 1838, foi eleito membro da Câmara de Representantes, mas devido a uma infecção hepática afastou-se do Congresso em março de 1840, vindo a falecer algumas semanas depois.